

MUSEU DOM BOSCO

Dom Bosco Museum

Cristiane Marques Meireles¹
Elizângela Fátima da Silva¹
Leidian Fernandes Lopes¹
Magda Simone de Toni¹

Resumo: Este artigo consiste em apresentar a estrutura do Museu Dom Bosco e seu acervo, que aborda suas histórias, ideias, culturas e demais informações. O Museu Dom Bosco foi idealizado pela missão Salesiana em Mato Grosso, inaugurado oficialmente em 27 de outubro de 1951, visando principalmente a educação, o desenvolvimento e o lazer de crianças, jovens e adultos. O museu teve apoio de importantes sacerdotes salesianos que ajudaram na construção e manutenção, dando início as suas pesquisas em 1948. Os principais sacerdotes salesianos que colaboraram nesta empreitada foram: Pe. Antônio Colbachini, Pe. Félix Zavattaro, Pe. Cesar Albisett, Pe. Angelo Venturelli e Pe. João Falco. Eles foram responsáveis pela maior parte do acervo da instituição. O acervo do museu é dividido em três partes: animais empalhados, fósseis e cultura indígena.

Palavras-chave: Museu. História. Cultura.

Abstract: This article presents the structure of Dom Bosco Museum and its collection, discusses their stories, ideas, cultures and other information. The Dom Bosco Museum was designed by the Salesian Mission in Mato Grosso, officially opened on 27 October 1951, aiming the education, development and recreation for children, youth and adults. The same had the support of important Salesian priests who helped in the construction and maintenance of the museum, giving beginning his research in 1948. The main Salesian priests who collaborated in this endeavor were: Fr. Antonio Colbachini, Father Félix Zavattaro, Fr. Cesar Albisett, Fr. Angelo Venturelli, and Fr Giovanni Falco. They are responsible for most of the institution's collection. The Museum's collection is divided into three parts: stuffed animals, fossils and indigenous culture.

Keywords: Museum. History. Culture.

Introdução

O presente trabalho se propõe a discutir de que forma o “Museu da cultura indígena”, também conhecido como “Museu Dom Bosco”, localizado na cidade de Campo Grande, no Estado de Mato Grosso do Sul, pode incentivar o meio cultural desta comunidade. Vamos apresentar dados históricos do museu, como e por quem foi fundado, seus principais colaboradores e fornecedores. Listaremos também as exposições permanentes do museu com suas coleções e particularidades. No museu estão expostos vários artefatos da vida e cultura indígena revelando a nós suas tecnologias primitivas utilizadas. Apresentaremos um breve relato histórico dos índios que habitaram nossa região, sendo retratados de maneira sistematizada no Museu da Cultura Indígena.

História do Museu

Em 18 de julho de 1894 chegaram a Cuiabá os primeiros missionários salesianos. Estes tinham como objetivo acabar com os conflitos entre os índios bororos e os colonizadores no antigo estado de Mato Grosso a pedido do governo local. A partir deste contato e do interesse dos missionários salesianos Pe. Antônio Colbachini, Pe. Félix Zavattaro, Pe. Cesar Albisett, Pe.

¹Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 – km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: <www.uniasselvi.com.br>.

Angelo Venturelli e Pe. João Falco começou a ser formado um acervo de mineralogia, arqueologia e paleontologia.

O museu foi inaugurado oficialmente no dia 27 de outubro do ano de 1951, com o interesse no desenvolvimento na educação e da sociedade. Assim, nasceu o Museu Dom Bosco. Ao longo de sua existência, os integrantes formaram um rico e variado acervo, onde recolheram artefatos para a construção do museu.

Ao longo do século XX, o Museu ampliou suas coleções e redimensionou suas atividades. O acervo conta hoje com aproximadamente 40.000 mil peças, entre elas mais de 5.000 peças indígenas das culturas xavantes, bororos, entre outras. O acervo também contém centenas de aves e mamíferos do Pantanal embalsamados. O maior interesse sempre foi pelas Ciências Naturais, fato que levou a formar, organizar e ampliar os acervos de Mineralogia, Paleontologia, Etnografia, Arqueologia e Zoologia.

No ano de 1976, o museu foi transferido para a Rua Barão do Rio Branco onde permaneceu por 26 anos. Conhecido pelos sul-mato-grossenses como Museu do Índio. Em 1997 passou a ser vinculado à universidade Católica Dom Bosco (UCDB), tornando-se prestigiado em sua atuação acadêmica. De acordo com Polinari (2008, p. 2):

A cultura é composta pelo conjunto de conhecimentos compartilhados pelos indivíduos de uma população, pelo comportamento comum e aceito por um sistema de valores acordados pelos objetivos e fenômenos materiais e imateriais produzidos por uma população, são os modos de sentir e pensar predominantes, é o modo predominante de uma população produzir e reproduzir o viver material, é também o conjunto das coisas que agregam esta população.

A partir de 1996 o museu passou a ser gerido pela Universidade Católica Dom Bosco. Essa gestão impôs a necessidade de redefinir objetivos e adequar o espaço físico à democratização da cultura, perspectiva fundamental de um museu dinâmico capaz de promover o desenvolvimento social, conservar e proteger seu patrimônio cultural. Para isto, a universidade trouxe profissionais de grandes centros brasileiros e italianos para conduzir o Projeto de Reestruturação do Museu das Culturas Dom Bosco, que hoje se apresenta no Parque das Nações Indígenas na cidade de Campo Grande em Mato Grosso do Sul. O Estado concedeu a área à Procura Italiana das Missões Salesianas, instituição localizada na cidade de Torino, Itália, responsável por viabilizar o aporte financeiro para dar início a um moderno e ousado projeto cultural.

Figura 1. O Museu das Culturas Dom Bosco – MCDB



Fonte: Disponível em: <<http://www.mcdb.org.br>>. Acesso em: 25 jun. 2014.

A visita ao museu da cultura Dom Bosco proporciona uma imersão histórica na cultura indígena. Tanto adultos como crianças podem se beneficiar com a visita a este museu. Essa importância educativa dos museus e sua visita com educadores e guias do próprio museu são incentivadas por Ferraz e Fusari:

Crianças, jovens e adultos podem vivenciar melhor esses momentos acompanhados dos educadores das instituições, que estão preparados para recebê-los e orientá-los. Geralmente, os educadores de museus procuram encaminhar o processo de observação para que os visitantes percebam melhor as obras, que podem ser lidas isoladamente ou no conjunto dos trabalhos que compõe o discurso da exposição e que, dependendo do conhecimento de cada observador, é possível desvendar-se outras particularidades dos objetos e obras observadas. (FERRAZ; FUZARI, 2009, p. 77).

Conhecendo a cultura indígena a fundo valorizamos os povos e sua cultura e podemos dela tirar lições para nosso aprendizado. As exposições de minerais, animais empalhados e outras são muito ricas e interessantes também. Para um aprofundamento da cultura indígena sugerimos a visita com o guia, que conta as histórias e curiosidades destes povos.

Ressaltamos a importância de guias capacitados para conduzir as visitas e revelar os aspectos peculiares de cada seção do museu. Seria muito interessante que o museu contasse com um arte/educador que pudesse atuar no mesmo. Sobre a importância deste profissional no museu, Ana Mae Barbosa (2010, p. 92) ressalta: “[...] interpretar uma exposição é um processo tão complexo e dialético quanto interpretar um quadro ou uma escultura. Ao arte/educador compete ajudar o público a encontrar seu caminho interpretativo e não impor a intenção do curador [...]”.

Animais empalhados, fósseis e demais exposições

Na seção de Zoologia, o Museu Dom Bosco conta hoje com uma exposição temporária de animais taxidermizados, ou popularmente falando, “empalhados”. O termo “empalhado” era utilizado antigamente, pois era usada a palha ou o barro para esse tipo de trabalho.

Nos dias atuais, o processo de taxidermia evoluiu de forma a ser capaz de deixar o corpo que passa por esta técnica muito similar ao animal vivo, perpetuando assim com fidelidade as formas e cores dos seres que passam por este procedimento. Segundo Przybysz (2012), “Taxidermia é a arte de montar ou reproduzir animais para exibição ou estudo. Em geral, ela é realizada em mamíferos e aves. É uma técnica que visa à conservação de animais mortos, através do descarte de suas vísceras, carnes e esqueletos e da utilização da pele”.

Após este processo utiliza-se também um processo artístico de pintura para “vestir” formas com a pele do animal empalhado e aproximar esses ao máximo da realidade. Se tratando de peixes o colorido dos mesmos é similar ao peixe quando vivo, dando graça e realidade ao processo.

Atualmente, dividida em duas grandes subseções, invertebrados e vertebrados, o Museu conta com um acervo de aproximadamente 30.000 espécies vindas de diversas cidades do Brasil, incluindo também animais de outros países. A coleção entomológica compõe a subseção de invertebrados, que possui uma grande variedade de insetos. Os insetos expostos são: borboletas, besouros, libélulas, que possuem grande importância no ambiente terrestre.

Na exposição de vertebrados estão dispostas várias espécies de animais, com exemplares de peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos. Entre os animais da nossa fauna podemos encontrar a onça pintada, o macaco prego, o tamanduá bandeira, as aves e muitos outros. Além desses animais encontramos também algumas espécies exóticas, como o ornitorrinco, que é

originário da Austrália e o ouriço, que no Brasil é chamado de porco-espinho.

A maioria desses animais foi doada por um senhor de Franca, São Paulo, para o trabalho de taxidermia. Sendo de origem legal, não foi realizada uma caça predatória para o acervo do museu, tal ação vai contra a proposta do museu de perpetuar esses animais sem abatê-los em seu habitat natural. É como visitar um zoológico congelado, sendo que alguns destes animais não são mais encontrados com facilidade na natureza.

Destaca-se, também, no acervo, a seção de macacologia, que é uma das coleções mais completas e diversificadas do país. Conta com grande quantidade de exemplares e diversidades de espécies, alguns inclusive já extintos em nosso país. Além de todo esse acervo estão expostas conchas de água doce que são atraentes por suas belezas e formas.

A coleção de Paleontologia expõe imensa quantidade de fósseis de animais diversos. Cerca de 75 espécies distribuídas entre invertebrados, vertebrados, vegetais, iconofósseis e palinofórmos. Já o acervo mineral conta com 74 amostras de minerais que vão desde os mais comuns, como o quartzo e a pirita, até os mais raros, como a cornetita e eudialita.

Cultura indígena

Muitos povos originários da cultura indígena habitaram o Mato Grosso do Sul. O museu apresenta um acervo etnográfico com peças das seguintes tribos indígenas que ocuparam esta região: Terena, Kadiweu, Guarani, Kaiowa, Kinikinaw, Guato e Ofaie. Através destes objetos e utensílios históricos expostos em ocas, é possível traduzir em parte o que foi a vida destas tribos.

Além das tribos que ocuparam a região de Mato Grosso do Sul, também existe a representação de outros povos indígenas que viviam em territórios próximos. Os Xavantes são representados pelas formas em espirais, elemento comum em suas culturas. O povo Bororo é representado por sua aldeia dividida em duas partes: a Tugarege e a Ecerae.

As aldeias bororos são compostas por quatro clãs e também o círculo escondido na terra, espaço de evocação das almas e preparação para o ritual do *mori*. Os Karajás estão representados por artefatos recolhidos pelos salesianos ao longo do tempo e através de fotografias. Povos do Rio Uaupés estão representados pela forma da decoração do chão simbolizando o próprio rio.

Destes povos e tribos indígenas ainda é possível visualizar utensílios domésticos, artefatos de guerra, túmulos, entre outros. Os aspectos religiosos também são bem representados através de objetos de culto, totens que simbolizam os espíritos que os ajudavam em períodos de guerra. Há ainda uma exposição de vestimentas que eram utilizadas em rituais religiosos, bastante incomuns para a realidade de nossa sociedade.

A distinção entre homem e mulher e seus respectivos encargos na tribo são representadas por artefatos domésticos. Os cocares masculinos são maiores e mais coloridos. Já as peças de indumentária eram produzidas em diversas cores e na exposição estão dispostas em diferentes ângulos.

Na entrada da exposição, o ritual da morte é representado por várias urnas funerárias feitas de barro e de grande porte, onde eram sepultados os mortos. Na coleção há uma radiografia de uma dessas urnas funerárias ainda com um corpo dentro, disposto exatamente da maneira como o cadáver era sepultado.

Os indígenas da região acreditavam que quando um ente querido era morto por um animal, este mesmo animal deveria ser encontrado e morto. Em seguida um membro da família deveria vestir a pele deste animal, para assim, libertar a alma do ente querido. Os chefes e guerreiros de algumas tribos vestiam-se com peles, pois acreditavam que isto lhes garantiria

proteção.

Nos rituais de iniciação, tanto dos rapazes quanto das moças, os jovens eram obrigados a carregar um fardo de palha representando o peso do casamento. Ambos deveriam carregar este fardo e aqueles que não conseguiam, segundo as leis da tribo, não estavam em condições de contrair matrimônio.

No dia a dia era comum a utilização de artefatos finos como agulhas, que eram confeccionadas de vários tamanhos a partir de ossos de peixes. Outra curiosidade da exposição é o *cauim*, bebida fermentada parecida com a cerveja, feita a partir da mandioca e da saliva humana, que era consumida em eventos festivos.

Na parte da exposição que representa os povos Xavantes, estão dispostas imagens de índios de diversas idades em forma de espiral. O espiral representa para a tribo ciclos diversos: como o do sol, da lua, bem como da própria vida. Valendo-se de um invento considerado moderno, os registros por meio de fotografias ajudam a entender a complexidade cultural destes povos.

Nas representações de ocas que estão dispostas no museu, é possível contemplar como os artefatos eram organizados dentro das habitações. Com redes para dormir, esteiras e potes de barro. Tendo em vista que o modo de vida é em comunidade, as refeições eram realizadas coletivamente. Assim, não existiam cozinhas, os alimentos eram preparados ao ar livre e de forma coletiva, geralmente por mulheres.

Os homens, além de guerreiros, se ocupavam com a caça e a pesca. As mulheres eram encarregadas do cultivo do solo, da colheita, além da preparação do alimento, confecção de roupas, artefatos etc. O modo de criação dos filhos é bem peculiar, já que não era feita unicamente pela família e sim por toda a tribo. Geralmente, as crianças eram educadas a partir do exemplo dos mais velhos.

Os pajés eram os líderes espirituais e curandeiros. Eles compreendiam o que queriam os espíritos, sabiam do futuro e eram possuidores das fórmulas de remédios encontrados na natureza. Por meio de lendas eram explicados os fenômenos naturais, os acontecimentos do passado e a própria cultura. Estes conhecimentos eram passados de geração em geração, dos sujeitos mais velhos aos mais novos. Assim, se perpetuavam os costumes e tradições destes povos.

Portadores de uma cultura vasta e fascinante, nossos ancestrais indígenas nos mostram sabedoria e grande organização social. Devemos respeitar nosso passado e aprender com quem conviveu em paz com a natureza durante tanto tempo. Segundo Vygotsky, nosso comportamento é hereditário e também influenciado por nossos ancestrais:

A questão da origem [histórica dos programas herdados de comportamento] figura entre os mais difíceis problemas científicos. Estamos diante de fatos sucedidos no decorrer de muitos milênios. Devemos lidar com acontecimentos que desapareceram há muito tempo e julgar o passado de acordo com o presente. Esse é o problema da origem das formas hereditárias do comportamento. É totalmente impossível, no atual estado do saber científico, responder, ainda que seja de forma aproximada, à questão da origem de um determinado instinto ou reflexo. (VYGOTSKY, 2003, p. 51).

Em nossa sociedade, que acreditamos ser “civilizada”, não encontramos ainda esse equilíbrio de conviver de forma saudável com a natureza. Povos que muitos acreditam serem inferiores a nós são portadores de uma forma inteligente de sobrevivência. Devemos conhecer a sua história, para assim podermos entender a nossa.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo estudar a história e a cultura do Museu Dom Bosco a partir de suas exposições. Com isso, esperamos incentivar visitas ao museu, devido à importância histórica de seu conteúdo. Conhecer a história das sociedades indígenas que aqui viviam é uma forma de valorizar a cultura destes povos, possibilitando novos aprendizados a partir de registros que nos permitam ter uma melhor compreensão daquilo que é antigo, bem como do novo. Para um aprofundamento da cultura indígena sugerimos a visita com o guia que conta as histórias e curiosidades destes povos e tribos. As exposições de minerais, animais empalhados e outras são muito ricas e interessantes, devido a sua diversidade de objetos na coleção. Vale salientar que a museologia nos dias atuais vem a ser uma prática a serviço da vida. As instituições museológicas possuem ambientes que possibilitam ao ser humano a fuga da pressa do dia a dia, da correria do cotidiano, permitindo maior conhecimento sobre a sociedade em que vive, bem como a si mesmo.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**: anos 1980 e novos tempos. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

FERRAZ, Maria; FUSARI, Maria. **Metodologia do ensino de arte**: fundamentos e proposições. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

MUSEU DAS CULTURAS DOM BOSCO. **Arquivos do MCDB**. Disponível em: <<http://www.mcdb.org.br>>. Acesso em: 3 jun. 2014.

POLINARI, Marcelo. Patrimônio cultural imaterial (Ensaio). In: ANAIS DO XI ENCONTRO REGIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUHP/PR “Patrimônio Histórico no século XXI”, maio de 2008.

PRZYBYSZ, C. H. Técnica de modelagem em resina de poliuretano na taxidermia de vertebrados. **Revista Fapciência**, Apucarana-PR, v. 9, n. 14, p. 135-143, 2012. Disponível em: <http://www.fap.com.br/fapciencia/009/edicao_2012/014.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2013.

VYGOTSKY, Liev. **Psicologia pedagógica**. Edição comentada. Artmed: Porto Alegre, 2003.

Artigo recebido em 15/06/15. Aceito em 17/08/15.